

DOI: 10.20911/21799024v16n2p218/2025

***Puuri* e o Logos: Espiritualidade Wapichana e Teologia da Palavra em Diálogo Intercultural**

***Puuri* and Logos: Wapichana Spirituality and Theology or the Word in Intercultural Dialogue**

José F. Castillo Tapia, SJ¹

RESUMO: O artigo investiga o conceito de *puuri* na espiritualidade do povo Wapichana, compreendido como palavra-oração dotada de eficácia espiritual, e o coloca em diálogo com a teologia cristã do *Logos*. A análise mostra como ambas as tradições atribuem à palavra um papel criador, vital e redentor, embora com diferenças significativas na compreensão do divino. O estudo evidencia convergências estruturais, como a relação entre palavra e sopro/espírito, e destaca que o *puuri* pode ser lido como *semina Verbi*, uma semente do Verbo presente na cultura indígena. Pastoralmente, propõe-se a valorização do *puuri* como ponto de contato para a inculturação do Evangelho, inspirando catequese, liturgia e ministérios locais inculturados. Conclui-se que o diálogo entre *puuri* e *Logos* enriquece tanto a teologia cristã quanto a espiritualidade indígena, promovendo uma Igreja de rosto amazônico, comprometida com a justiça socioambiental e a dignidade dos povos originários

PALAVRAS-CHAVE: Puuri; Logos; Wapichana; inculturação; Amazônia; povos indígenas.

1 Pe. José Federico Castillo Tapia, jesuíta. Mestre em teologia sistemática pela FAJE. Trabalha na Serra da Lua-RR, junto aos povos indígenas Wapichana e Macuxi.

ABSTRACT: This article explores the concept of *puuri* in Wapichana spirituality, understood as a prayer-word endowed with spiritual efficacy, and places it in dialogue with the Christian theology of the *Logos*. The analysis reveals how both traditions attribute to the word a creative, vital, and redemptive role, while differing in their understanding of the divine. It highlights structural convergences, such as the relationship between word and breath/spirit, and suggests that *puuri* can be interpreted as *semina Verbi*, a seed of the Word present in indigenous culture. From a pastoral perspective, the study proposes valuing *puuri* as a bridge for the inculturation of the Gospel, inspiring catechesis, liturgy, and local ministries. It concludes that the dialogue between *puuri* and *Logos* enriches both Christian theology and indigenous spirituality, fostering a Church with an Amazonian face, committed to socio-environmental justice and the dignity of native peoples.

KEYWORDS: Puuri; Logos; Wapichana; inculturation; Amazon; indigenous peoples.

Introdução

A riqueza espiritual dos povos indígenas amazônicos oferece desafios e possibilidades de diálogo fecundo com a teologia cristã. Nos últimos anos, a Igreja Católica tem reconhecido cada vez mais que as culturas originárias encerram “verdades eternas” e sabedorias milenares acerca da criação e da vida (GUALINGA, 2020). Documentos como a encíclica *Laudato Si’* (2015) e a exortação *Querida Amazônia* (2020) incentivam a escuta das tradições indígenas e a busca de caminhos de inculturação, nos quais o Evangelho possa se encarnar nas culturas locais sem desprezar os seus valores próprios (FRANCISCO, 2020). Nesse contexto, o presente artigo propõe um estudo aprofundado do conceito de *puuri* na espiritualidade do povo Wapichana – povo indígena de Roraima (Brasil) e Guiana –, colocando-o em diálogo com a teologia cristã do Verbo (Logos).

Com enfoque teológico e sensibilidade intercultural, busca-se relacionar o *puuri* – compreendido pelos Wapichana como palavra, oração de poder – com a noção cristã da Palavra criadora, encarnada e redentora de Deus em Jesus Cristo. Parte-se de uma fundamentação teórica sobre o significado do *puuri* na cosmovisão Wapichana e sobre a doutrina cristã do Logos, para então realizar uma análise comparativa e dialógica. Em seguida, discutem-se implicações pastorais: de que forma essa aproximação conceitual pode iluminar a práxis evangelizadora, a teologia e a pastoral inculturada na Amazônia, contribuindo para uma “Igreja de rosto amazônico” (BOFF, 2020).

1.1 Fundamentação teórica

1.1 O conceito de *puuri* na espiritualidade Wapichana

Para os Wapichana, povo de língua da família arawak, *puuri* (também grafado *puri*) designa algo próximo a “oração” ou “remédio”, no sentido de fórmulas verbais de poder espiritual (INSTITUTO COCIOAMBIENTAL, 2016). Tratam-se de encantações (cantos, rezas) que influenciam o mundo visível e invisível, sendo empregadas para diversos fins: *puuri* cura enfermidades (entendidas como causadas por agressões de seres sobrenaturais), garante sucesso na caça, pesca e agricultura, anula efeitos nocivos resultantes da quebra de tabus (por exemplo, do luto, do parto ou da menstruação) e até atua sobre a vontade alheia em casos de atração amorosa ou vingança (*Ibid.*) Trata-se, portanto, de um repertório de palavras ritualizadas dotadas de eficácia, inseridas no cotidiano e na cosmologia Wapichana como meio de mediar a relação entre humanos, natureza e seres espirituais.

A cosmogonia Wapichana atribui à *fala* (paradan na língua local) um papel originário e criador. “No começo, quando o céu era perto, tudo falava, era *puri* – magia”, dizem os anciãos Wapichana (INSTITUTO COCIOAMBIENTAL, 2016). Céu e terra não se distinguiam, nem os seres entre si, pois todos partilhavam a mesma fala (*Ibid.*). Nesse tempo primordial, o mundo era maleável (“*plástico*”) e a força de moldá-lo residia na palavra: “Antigamente falava e mudava as coisas. Tudo agora já está feito” (*Ibid.*). Ou seja, a palavra eficaz e criativa operava transformações constantes, dando origem a rios, cachoeiras e montanhas nas “batalhas verbais” travadas entre os seres demiúrgicos (*Ibid.*). Essa visão evoca uma espécie de *Gênesis* amazônico, em que o Verbo – aqui entendido como *puuri*, potência verbal mágica – instaura a ordem do mundo.

Houve, porém, uma ruptura desse estado primordial. Os Wapichana narram que o mundo atual é resultado do rompimento daquela ordem original em que céu e terra se comunicavam livremente (INSTITUTO COCIOAMBIENTAL, 2016). Com a ruptura, veio a diferenciação do tempo, do espaço e das espécies. Sobre tudo, a *fala* perdeu a plena força produtiva que possuía. O mundo “endureceu” e tornou-se resistente à intervenção humana, pois “a fala perdeu sua força produtiva – propriedade originalmente de toda fala. Sua magia hoje só se manifesta no interior do discurso ritual” (*Ibid.*). Em outras palavras, apenas em contextos especiais – as rezas, cantos e encantamentos – a palavra conserva algo de seu antigo poder transformador. Os diversos seres deixaram de falar; somente a humanidade reteve a fala articulada, atributo que a distingue dos demais entes. “A fala articulada é, aos olhos dos Wapichana, o que os faz humanos” (*Ibid.*) – correlato do que chamam *durunaa*, princípio vital ou alma.

No universo conceitual Wapichana, *durunaa* é a força vital presente no sopro, na fala e no sangue de cada pessoa (INSTITUTO COCIOAMBIENTAL, 2016). Prova disso, dizem, é que ao morrermos nosso corpo esfria e empalidece (perde o calor do sangue) e cessam a respiração e a voz (*Ibid.*). O *durunaa* não é uma

entidade separada do corpo, mas um princípio dinâmico que anima e move o ser humano, percebido inclusive na sombra vigorosa projetada ao sol (*Ibid.*). Desde o primeiro fôlego de um recém-nascido, o sopro passa a integrar sua alma (*Ibid.*). Há uma equivalência profunda entre respirar e falar: ambas as ações são vistas como manifestações da alma, sobretudo no contexto ritual. “Soprar e falar são atos homólogos, que surtem o mesmo efeito encantatório, por serem ambos alma”, explica a tradição Wapichana (*Ibid.*). Assim, quando um rezador realiza um *puuri*, ele usualmente assopra ou defuma sobre a pessoa ou objeto, proferindo as palavras sagradas. Diz-se que essa encantação é o “alma em ato”, pois conjuga o sopro e a fala para liberar sua eficácia espiritual (*Ibid.*).

Desse modo, o *puuri* pode ser compreendido como palavra animada de alma, uma extensão do *durunaa*. “Quando a gente usa *puri*, sopra porque está chamando pela boca, o vento da gente está soprando, é a fala da gente. Está chamando *durunaa*, assim como deus” – explicam os Wapichana (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016). Nessa explicação, recolhida por antropólogos, fica evidente a noção de que a palavra pronunciada com sopro carrega o *espírito* de quem a emite, convocando a própria força vital (*durunaa*) e uma potência semelhante à de um deus para atuar. Dessa propriedade advém ao *puuri* a força de criar ou modificar realidades (*Ibid.*). Em outras palavras, o *puuri* é eficaz porque mobiliza a alma (vida, espírito) através da palavra soprada, reatualizando em pequena escala o poder cosmogônico da fala original.

Vale destacar que, segundo a cosmologia Wapichana, as fórmulas de *puuri* originaram-se com os primeiros seres. Diz-se que, ao se instaurar a descontinuidade entre o tempo mítico e o presente, “*aqueles seres transformaram-se em puuri*” (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016). A palavra de todos os entes primordiais ficou aprisionada nas encantações, de modo que “só se manifesta, hoje, pela voz humana” (*Ibid.*). Esse paradoxo – a palavra universal agora restrita às rezas humanas – confere ao *puuri* um caráter sagrado: é portador da *língua original* do mundo, preservada em fórmulas fixas. Por isso, a estrutura dos *puuri* é invariável: são fórmulas curtas, muitas vezes com paralelismos poéticos, que devem ser recitadas exatamente, palavra por palavra, para surtir efeito (*Ibid.*). A eficácia reside na memorização fiel e repetição literal do texto tradicional (*Ibid.*). Cada *puuri* é, em suma, um “fio de palavra” ancestral, transmitido entre gerações.

O conhecimento e uso dessas rezas não é estritamente esotérico: em princípio, qualquer pessoa interessada pode aprender *puuri* (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016). Na prática, porém, existem especialistas – os *kapurinhau*, termo traduzido como “rezadores ou benzedeiros” – que detêm repertórios mais amplos e prestígio como curadores espirituais (*Ibid.*). Muitos adultos Wapichana sabem pelo menos algumas fórmulas para tratar doenças leves de crianças no âmbito doméstico (*Ibid.*). Já um dos *marynau* (*pajé*) aprofunda-se num caminho distinto, recebendo cantos de plantas sagradas para realizar curas pela alma, o que representa outro nível do “xamanismo” Wapichana, diferente do *puuri* comum (*Ibid.*). Em todo caso, os anciãos são vistos como guardiões do conhecimento: os contadores de histórias, denominados *Daunaiura tynarynau*

kuadapan kuty' ainhau ("aqueles anciãos que sabem e contam as histórias antigas"), acumulam sabedoria ao longo da vida e dominam a arte da oratória persuasiva. Não por acaso, nas comunidades Wapichana evangelizadas, *Tynary-nau* (*Catequista ancião*) é também o termo utilizado para o ancião que faz a leitura e interpretação da Bíblia em público, sendo chamado, metaforicamente, de "biblioteca da aldeia" como falam nas comunidades. Esse exemplo ilustra que a competência na palavra – seja no relato mítico, na reza tradicional ou na proclamação das Escrituras – é um valor central na definição do humano e na estrutura da autoridade tradicional Wapichana (*Ibid.*).

Em suma, *puuri* constitui o cerne da espiritualidade Wapichana enquanto palavra dotada de vida e poder. É simultaneamente oração, medicina e magia – uma linguagem sagrada que conecta o mundo tangível e intangível (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016). Como vimos, essa concepção se enraíza numa cosmologia em que a Palavra (fala) foi o agente criador do cosmos e onde falar equivale a animar, a insuflar alma nas coisas. Resta agora examinar a noção de Palavra divina na tradição cristã – especialmente na teologia do Verbo (Logos) –, para então colocar ambas em diálogo.

1.2 A teologia do Verbo (Logos) na tradição cristã

No cristianismo, a doutrina do Verbo de Deus possui uma longa elaboração teológica, alicerçada nas Escrituras e na Tradição. Já no primeiro versículo da Bíblia, ressoa a eficácia criadora da Palavra: em Gênesis, Deus cria o universo por meio de Sua palavra – "Disse Deus: 'Faça-se a luz!' e a luz se fez" (Gn 1,3). O Salmo 33 reforça: "Pela Palavra do Senhor foram feitos os céus" (Sl 33,6). Essa compreensão veterotestamentária identifica a palavra divina (*Dabar* em hebraico) como ativa e criadora, chegando a personificá-la poeticamente. Como observa Oscar Cullmann, no Antigo Testamento a "Palavra de Deus", se não chega a ser uma hipóstase, é considerada quase uma entidade autônoma, dado o enorme poder de ação que lhe é atribuído (SOUZA, 2023). Em Provérbios 8 e no Livro da Sabedoria, por exemplo, a Sabedoria divina – intimamente ligada à Palavra – é retratada como companheira de Deus na criação, mediando entre Deus e os homens.

Essa intuição bíblica preparou o terreno para a plena revelação neotestamentária: Jesus Cristo como o Verbo divino encarnado. O Prólogo do Evangelho segundo João constitui o texto-chave: "No princípio era o *Logos* (Verbo), e o *Logos* estava junto de Deus, e o *Logos* era Deus. [...] Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada foi feito" (Jo 1,1-3). Aqui, João deliberadamente ecoa o "no princípio" de Gênesis, indicando que aquele Verbo pelo qual tudo foi criado é o próprio Cristo preexistente. Mais adiante, o evangelista faz a afirmação assombrosa: "E o *Logos* se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14). Desse modo, o cristianismo proclama que a Palavra eterna de Deus adentrou a história humana na pessoa de Jesus de Nazaré. Ele é simultaneamente Deus (da mesma essência do Pai) e distinto do Pai (estava "com Deus"), fundamento para a teologia trinitária (SOUZA, 2023).

O conceito de *Logos* utilizado por João carrega uma riqueza semântica particular, resultante da confluência de correntes culturais. Por um lado, dialoga com o contexto helênico, em que *logos* significava razão cósmica ou princípio ordenador (como em Heráclito, Platão e nos estóicos) (SOUZA, 2023). Por outro, se enraíza na tradição judaica da Palavra eficaz de Deus e da Sabedoria personificada (*Ibid.*). João realiza, assim, uma síntese criativa: assume a ideia judaica de que Deus age pelo Verbo e a noção grega de um princípio divino racional, porém vai além de ambas ao declarar que este Verbo divino “se fez carne” (*Ibid.*). Trata-se de algo único: para a mentalidade grega, o *logos* podia até ser concebido como semi-divino, mediador entre Deus e mundo, mas jamais seria um homem concreto sujeito às vicissitudes históricas (*Ibid.*). No Cristianismo, porém, o Verbo assume a plena humanidade de Jesus – um escândalo para a filosofia da época, mas pedra de toque da fé cristã.

Na teologia cristã, portanto, Cristo é o Verbo criador e redentor. Ele concentra em si as duas dimensões: “o *Logos* é ao mesmo tempo a Palavra criadora e a Palavra salvadora” (SOUZA, 2023). Tudo foi criado por meio dele (cf. Jo 1,3), e igualmente é ele quem traz a luz e a vida nova à humanidade caída (Jo 1,4; 1,9). O Evangelho de João identifica Jesus como “a luz verdadeira, que ilumina todos os homens” (Jo 1,9) e como aquele que comunica a graça e a verdade (Jo 1,14.17). Assim, o Verbo não apenas revela a vontade de Deus – Ele próprio é a Revelação plena e definitiva de Deus. Em Jesus, a Palavra de Deus deixa de ser apenas mensagem ou mandamento – ela é *Pessoa viva*, unindo inseparavelmente comunicação e comunhão. Por isso, o Verbo Encarnado é mediador não só da criação, mas também da redenção: ele é o “único mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2,5), cuja entrega pascal reconcilia a criação inteira com o Criador (cf. Cl 1,19-20). A teologia joanina reforça essa compreensão ao mostrar Cristo pronunciando palavras performativas cheias de poder – Ele diz “Eu sou a Ressurreição e a Vida” (Jo 11,25) e então chama Lázaro do túmulo com sua voz, restituindo-lhe a vida (Jo 11,43-44). Ele declara “*Talitha kum*” à menina morta e ela se levanta; acalma a tempestade com uma ordem; perdoa pecados; expulsa espíritos com uma palavra de autoridade. Em suma, nos Evangelhos Jesus atua com a potência de Sua Palavra divina, sinal da presença do Reino.

Ao longo dos séculos, a Igreja aprofundou diversos aspectos dessa “teologia do Verbo”. Os primeiros apologistas cristãos – inseridos em contexto de pluralidade cultural não muito distinta do diálogo que aqui propomos – desenvolveram a ideia do *Logos spermatikós*, ou “sementes do Verbo”. São Justino Mártir (século II), por exemplo, ensinava que o Verbo divino semeou raios de verdade nas filosofias e religiões pagãs, de modo que tudo o que há de verdadeiro e bom nelas provém implicitamente de Cristo, o Verbo eterno. Essa noção, acolhida depois pelo Magistério (cf. *Ad Gentes* 11; *Lumen Gentium* 17), é precursora do que hoje se entende por diálogo inter-religioso e inculturação: Deus não deixou a si mesmo sem testemunho entre os gentios (cf. At 14,16-17), mas preparou nas diversas culturas pontos de contato com o Evangelho. Tais “sementes do Verbo” seriam plenamente desabrochadas quando do encontro com Cristo, mas já estavam misteriosamente presentes, colocadas pela divina providência. A teologia do *Logos* dá fundamento a essa visão otimista: se Cristo é a Palavra universal

de Deus e “ilumina a todo homem” (Jo 1,9), podemos esperar encontrar reflexos dessa Palavra nas buscas espirituais da humanidade. O Concílio Vaticano II resgatou essa perspectiva, afirmando ser necessário discernir “os sinais da presença de Deus” nas culturas e religiões não-cristãs (cf. *Nostra Aetate* 2). Mais recentemente, o Papa Francisco reiterou que, no processo de inculturação, a Igreja é enriquecida por aquilo “que o Espírito Santo já semeou nas culturas” locais, pois o mesmo Espírito criador que falou pelos profetas pode soprar onde quer, preparando corações e cosmovisões para a plenitude do Verbo (Querida Amazonia 52-68).

Outro ponto a destacar é que, na fé cristã, a Palavra de Deus não está confinada ao evento histórico da Encarnação, mas continua viva e operante na Igreja através do anúncio evangélico, da liturgia e dos sacramentos. A teologia católica acentua o caráter performativo da Palavra nos ritos sacramentais: certas palavras pronunciadas pelos ministros, com a autoridade de Cristo, realizam aquilo que significam (*ex opere operato*). Por exemplo, somente o sacerdote validamente ordenado pode proferir as palavras da consagração – “Isto é o meu Corpo” – ou da absolvição – “Eu te absolvo dos teus pecados” – pois tais palavras, ditas *em persona Christi*, efetivamente comunicam a presença de Cristo e o perdão de Deus. Assim, o cristianismo reconhece que Deus age através de palavras humanas santificadas, as quais se tornam veículo real da graça (*Sacrosanctum Concilium* 7). É claro que não se trata aqui de “mágica”, mas de sacramentalidade: a Palavra atua inseparavelmente do Espírito Santo e da fé da Igreja. Ainda assim, existe uma afinidade estrutural entre a ideia de palavra eficaz em contextos rituais cristãos e aquela presente no *puuri* indígena – ambas supõem que a linguagem, em certos contextos sagrados, participa do poder divino de transformar a realidade.

Tendo delineado os traços principais da espiritualidade do *puuri* Wapichana e da teologia cristã do Logos, passamos agora à análise intercultural. Buscaremos evidenciar pontos de convergência, diferenças e enriquecimento mútuo, sempre conscientes de que se trata de tradições distintas, mas que podem dialogar à luz de uma teologia do Verbo aberta à alteridade.

2. Análise intercultural: *Puuri* e o Logos em diálogo

A comparação entre o conceito Wapichana de *puuri* e a teologia cristã do Logos revela ressonâncias notáveis, ainda que emolduradas por cosmologias e linguagens diferentes. Ambos os universos atribuem à Palavra um estatuto central e quase divino na ordem da criação e da vida espiritual. Essa seção examina algumas convergências fundamentais – a ideia de palavra criadora, a relação entre palavra, espírito e vida, e o aspecto redentor da palavra – bem como distinções importantes, à luz de uma hermenêutica teológica intercultural. Também discutiremos como a teologia cristã pode enxergar no *puuri* uma “semente do Verbo”, e como os próprios Wapichana cristãos vêm reinterpretando sua tradição à luz do Evangelho.

1. Palavra criadora e cosmovisão: Tanto na narrativa Wapichana quanto na visão bíblica, encontramos a noção de que “no princípio” o mundo foi moldado pela Palavra. Conforme vimos, os Wapichana creem que “quando o céu era perto, tudo falava” e a fala tinha poder de mudar as coisas – rios, montanhas e demais elementos naturais teriam sido gerados por verbos proferidos pelos seres míticos (INSTITUTO COCIOAMBIENTAL, 2016). Essa imagem guarda semelhança impressionante com a teologia da criação em Gênesis, onde Deus sucessivamente cria os distintos domínios (céus, terra, astros, seres vivos) por meio de Sua voz: “Deus disse... e assim se fez”. Nos dois casos, a realidade visível provém da potência da palavra invisível. Uma diferença reside no caráter polifônico versus monofônico dessa palavra criadora: na cosmogonia Wapichana, parece ter havido uma espécie de “disputa verbal” entre entes semidivinos – “*batalhas verbais entre demiurgos*” – que resultou na conformação do mundo (*Ibid.*). Já na fé bíblica, é o Deus único quem fala e ordena todas as coisas harmoniosamente. No entanto, mesmo aí podemos identificar ecos narrativos: por exemplo, no mito de Babel (Gn 11), a humanidade primitiva tinha “uma só língua”, mas por arrogância divina se confunde e as línguas se multiplicam, rompendo a unidade original. Entre os Wapichana, a ruptura cósmica também traz multiplicidade e perda da língua comum entre as espécies (*Ibid.*). Poderíamos dizer que ambas as tradições possuem um sentido de paraíso linguístico perdido: um estado ideal em que a *linguagem era plena* (criadora, universal), o qual se perdeu devido a alguma desordem ontológica ou moral. Nesse sentido, o *puuri* seria, para os Wapichana, um vestígio daquele Logos primordial, assim como, para a teologia cristã, Cristo é o novo Logos que vem restaurar a unidade perdida (à maneira inversa de Babel, o Pentecostes em At 2 faz compreenderem-se mutuamente diversas línguas pela ação do Espírito, prefigurando a reunião escatológica de todas as coisas em Cristo). Assim, podemos ver no *puuri* uma longínqua intuição de que a criação nasceu da Palavra e que, de algum modo, anseia-se recuperar o poder original dessa Palavra – anseio que o cristianismo lê como atendido em Cristo, “por quem tudo foi feito” (Jo 1,3) e em quem “tudo subsiste” (Cl 1,17).

2. Palavra, sopro e espírito: Uma convergência especialmente rica é a correspondência entre o conceito Wapichana de *durunaaa* (princípio vital presente na fala e no sopro) e a concepção bíblico-teológica de Espírito (em hebraico *ruah*, em grego *pneuma*, ambos significando “sopro/vento”). Para os Wapichana, como vimos, falar é literalmente *soprar alma* – o sopro e a fala são “atos homólogos” de manifestação do espírito vital (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016). O *puuri*, ao conjugar a palavra pronunciada e o sopro físico, é um ato de alma que mobiliza o *durunaa* para transformar a realidade (*Ibid.*). Essa visão encontra eco na simbologia bíblica: no relato jahvista da criação, Deus sopra nas narinas do homem o fôlego de vida (Gn 2,7), fazendo de Adão um ser vivente – é o Espírito divino doador de vida. No Evangelho de João, após a ressurreição, Jesus sopra sobre os apóstolos e diz “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20,22), comunicando-lhes o poder de perdoar pecados. Vemos, portanto, que também na teologia cristã há uma íntima associação entre Palavra e Sopro divinos: Deus cria falando e insuflando vida; Cristo comunica o Espírito soprando e falando. O termo *Espírito Santo* em si carrega essa ambiguidade fecunda: é vento impe-

tuoso em Pentecostes, é voz suave dos profetas, é língua de fogo e é consolador silencioso. Podemos sugerir que o *udorona* Wapichana é uma analogia cultural do que a teologia chamaria de *Espírito de Deus presente na palavra*. Com efeito, quando um rezador Wapichana diz que no *puuri* “está chamando *udorona*, assim como deus” (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016), poderíamos ler – respeitando as diferenças – que ele intui estar invocando uma força espiritual transcendente através do sopro-palavra. Em chave cristã, não seria essa precisamente a função da oração e dos sacramentos? Invocar o Espírito de Deus (por exemplo, na *epiclese* eucarística, o padre impõe as mãos e ora para que o Espírito desça e santifique os dons, transformando pão e vinho no Corpo e Sangue de Cristo). Assim, tanto no *puuri* quanto na liturgia cristã ocorre um entrelaçamento de palavra e defumação/espírito: na tradição indígena, a alma do próprio rezador e dos ancestrais; na tradição cristã, o Espírito Santo do próprio Deus. As teologias indígenas da América Latina frequentemente identificam a presença do Espírito Criador nos povos originários; como afirmou São João Paulo II, “Cristo, ao assumir a cultura humana, assumiu tudo o que havia de bom nas culturas, e o Espírito Santo já tinha esparzido nelas sementes de Verbo” antes da evangelização. O reconhecimento de que o *sopro de Deus* vivifica todas as criaturas (Sl 104,30) legitima-nos a ver no *durunaa* não algo contrário, mas convergente com a ideia de Espírito divino – ainda que a teologia cristã vá além, distinguindo o Criador das criaturas, ao passo que a visão Wapichana parece enfatizar a imanência vital do sagrado na natureza.

3. Palavra eficaz e redentora: Outra ponte significativa é a noção de que a palavra – devidamente pronunciada – altera a realidade para o bem do ser humano. No *puuri*, isso se dá de forma muito concreta: recitar a fórmula adequada pode curar um doente, proteger alguém dos perigos do mato, garantir sucesso na pesca ou mesmo restaurar o equilíbrio rompido por um ritual fúnebre não observado corretamente (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016). Temos aqui uma concepção sacramental no sentido antropológico: gestos e palavras simbólicos produzem efeitos reais (curativos, apotropaicos, etc.) mediante uma força invisível. A teologia do Verbo encarnado traz um paralelo interessante: Jesus, Verbo feito carne, dedicou grande parte de seu ministério a curar enfermos, libertar pessoas de males físicos e espirituais, “fazer o bem” (At 10,38). E o fazia muitas vezes pela palavra de ordem ou de consolo – “Seja curado”, “Levanta-te e anda”, “Fica limpo”, “Teus pecados estão perdoados”. Na tradição cristã posterior, essa dimensão perdura: o Evangelho em si é visto como palavra salvífica que cura e liberta (a própria palavra “salvação” tem a mesma raiz de “saúde” em latim). Além disso, a Igreja primitiva reconhecia carismas de cura e exorcismo, nos quais orações em nome de Jesus tinham eficácia real sobre doenças e espíritos malignos (cf. Mc 16,17-18; Tg 5,14-15). Assim como o *puuri* afasta o mal causado por seres espirituais nocivos segundo a crença Wapichana (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016), as bênçãos e exorcismos cristãos visam expulsar o Maligno e suas influências. Em ambos, há uma confiança de que palavras pronunciadas com autoridade espiritual têm poder objetivo. A diferença principal recai sobre a fonte desse poder: para os Wapichana tradicionais, provém do *durunaa* do próprio rezador e da tradição ancestral (é uma “força da fala” que

os antepassados legaram e que está inserida na natureza); já para o cristão, a eficácia advém de Deus transcendente que livremente responde à fé – ou, nos sacramentos, do próprio Cristo agindo por instituição divina. Contudo, mesmo a Igreja reconhece que essa eficácia divina se “encarna” em sinais sensíveis e culturais. A inculturação aqui significa perceber que o anseio de saúde integral e harmonia, buscado no *puuri*, encontra eco na missão de Cristo de *curar e salvar* integralmente. Na perspectiva cristã, o *puuri* pode ser visto como um símbolo do anseio de redenção: cada cura ou proteção obtida nas rezas aponta, em última instância, para a cura mais radical oferecida pelo Verbo Encarnado – a salvação da alma e a restauração final de todas as coisas. Por outro lado, a teologia da libertação e a pastoral de saúde nas comunidades indígenas podem se enriquecer respeitando e incorporando certos elementos tradicionais: por exemplo, orações de cura cristãs podem ser formuladas em língua Wapichana, com a cadência e paralelismo próprios da poética *puuri*, e até gestos como o assoprar podem ser ressignificados (lembrando Jesus soprando o Espírito). De fato, algumas comunidades indígenas católicas já fazem isso intuitivamente, sem sincretismo indevido, mas como expressão legítima de sua fé inculturada. *Querida Amazônia* encoraja tais processos ao afirmar que o anúncio cristão na Amazônia deve “dar voz aos valores e narrações dos povos”, acolhendo sua sabedoria ancestral e que “tudo isto deve ser valorizado e recebido na evangelização”.

4. Complementariedade e plenitude em Cristo: Apesar das proximidades, não se pode ignorar as diferenças. A teologia cristã do Logos é parte de uma fé monoteísta e encarnacionista, com uma compreensão personalista de Deus. Já a espiritualidade Wapichana insere-se num contexto cosmológico onde a distinção entre Criador e criatura não é explícita; o sagrado permeia o mundo, e *puuri* não é “Palavra de um Deus pessoal”, mas uma espécie de energia verbo-mágica impessoal (ainda que comparada a um deus na fala nativa para explicar seu efeito) (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016). Do ponto de vista teológico cristão, poderíamos dizer que no *puuri* falta a referência a um Tu divino: a oração indígena tradicional é funcional (visa um efeito), enquanto a oração cristã, embora também possa pedir graças, é fundamentalmente encontro filial com um Deus pessoal. Isso significa que o *puuri* pode ser enriquecido, em contexto de diálogo, pelo horizonte teísta: a Igreja proporá que *atrás* da eficácia da palavra há um Deus de amor, fonte de todo bom poder, que quer relacionar-se conosco. Ao mesmo tempo, a tradição cristã tem algo a aprender com a humildade cósmica dos Wapichana: eles enfatizam que o ser humano não é senhor absoluto – precisa respeitar os “avós” espirituais de cada espécie para usufruir da natureza (*Ibid.*), vê a terra como dom dos antepassados e de Deus, e reconhece que quando a palavra humana se divorcia da comunhão com o todo, perde seu poder e sentido (*Ibid.*). Essa visão ecológica e relacional ressoa com força no magistério do Papa Francisco: “Para eles [povos indígenas], a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados, um espaço sagrado com o qual precisam de interagir para manter sua identidade e seus valores” (LS 146). Há, pois, uma convergência ética: tanto a sabedoria ancestral quanto a encíclica *Laudato Si'* denunciam a arrogância de tratar a natureza apenas como recurso e reivindicam uma relação sagrada com a criação. O Logos cristão, que

“se fez carne” (Jo 1,14) e matéria neste mundo, também sacraliza a criação e instaura uma nova harmonia entre Deus, humanidade e cosmos – algo buscado intuitivamente nas práticas espirituais indígenas de equilíbrio.

Em síntese, *puuri* e Logos se iluminam mutuamente. Para uma teologia cristã intercultural, o *puuri* Wapichana pode ser visto como um “logos menor”, um sinal presente nessa cultura daquilo que, em última instância, só Deus plenamente realiza. É uma *semina Verbi*: semente do Verbo espalhada pelo Espírito Santo antes da chegada do Evangelho, para preparar corações e mentes. Não surpreende, pois, que missionários e catequistas Wapichana, ao traduzirem conceitos cristãos, tenham identificado paralelos: conforme mencionado, os anciãos contadores de histórias (portadores do *puuri* mítico) foram comparados a *historiadores* ou *intérpretes da Bíblia* (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016); a própria ideia de *palavra de Deus* em Wapichana certamente terá sido explicada usando o conceito de *paradan*/fala e talvez associada ao *puuri* como palavra eficaz. Embora a Igreja não incentive a continuidade de práticas que envolvam elementos incompatíveis com a fé (por exemplo, *puuri* de vingança ou manipulação da vontade alheia contrariam a ética cristã do perdão e da liberdade), há um amplo terreno de ressignificação positiva. Se outrora muitas lideranças cristãs viam em todas as rezas indígenas apenas *superstição ou bruxaria*, hoje a teologia da inculturação propõe um olhar de simpatia crítica: discernir os “gêrmenes do Verbo” ali presentes e purificá-los em Cristo, ao mesmo tempo em que enriquece a compreensão cristã. Afinal, o mistério do Verbo encarnado é inesgotável; cada cultura pode revelar um novo aspecto da Revelação, “um novo rosto” de Cristo e da Igreja, graças à ação do Espírito nas sementes culturais. Nesse processo dialógico, a Palavra de Deus ganha “carne” wapichana – modos de ser, falar e pensar nativos – e o *puuri* encontra seu horizonte pleno na comunhão com o Verbo de Deus.

3. Implicações pastorais

A reflexão teológica acima não permanece no nível conceitual, mas desdobra-se em implicações práticas para a evangelização e a pastoral junto aos povos indígenas, particularmente os Wapichana, e para a própria vida da Igreja. Destacaremos algumas dessas implicações, considerando a orientação da Teologia da Libertação e do Magistério recente no sentido de construir uma Igreja intercultural, dialogal e sensível aos pobres e originários.

1. Inculturação do anúncio e da catequese: Conhecer e valorizar o conceito de *puuri* pode ajudar missionários, catequistas e agentes de pastoral a anunciar o Evangelho de forma inteligível e atraente aos Wapichana. Em vez de demonizar sumariamente as práticas tradicionais, o agente de pastoral esclarecido poderá dialogar com elas, mostrando, por exemplo, que Jesus Cristo é o *Grande Rezador* de Deus – aquele cuja Palavra acalma tempestades e cura enfermos – e que nele se encontra a fonte de todo poder de vida que as rezas (*puuri*) buscavam atingir. Uma catequista pode explicar aos jovens Wapichana que, assim como seus antepassados acreditavam que o mundo foi criado pela fala (*para-*

dan), nós cremos que “No princípio, o Verbo estava com Deus e tudo foi feito por Ele” (Jo 1,1-3). É possível usar analogias familiares: comparar as parábolas de Jesus às histórias tradicionais (narradas pelos *Tynarynau*), comparar os santos e profetas aos *kapurinhau* (rezadores) que intercedem pelo povo, etc. Tal pedagogia constrói pontes ao invés de erguer barreiras culturais. Conforme *Querida Amazônia*, “quando uma comunidade acolhe o anúncio da salvação, o Espírito Santo fecunda a sua cultura” e, ao mesmo tempo, a Igreja se enriquece com o que o Espírito já semeou naquela cultura. Logo, o processo catequético deve ser dialógico, partindo do que os indígenas já sabem de Deus (a partir de sua experiência espiritual) rumo à plenitude da revelação em Cristo. Essa abordagem, além de teologicamente sólida, evita a rejeição e o estranhamento, fomentando uma fé verdadeiramente enraizada no coração da cultura Wapichana – uma fé “pensada na própria língua” e vivida com autenticidade, e não uma camada superficial europeia sobreposta.

2. Purificação e discernimento: Valorização inculturada não significa acrítica adesão a todas as práticas culturais. É necessário um discernimento pastoral atento. No caso do *puuri*, por exemplo, a pastoral deve orientar que as rezas tradicionais de cura e proteção (compatíveis com o amor cristão) podem ser resignificadas, enquanto usos malévolos – como *puuri* de vingança ou feitiçaria para causar dano – devem ser abandonados à luz do Evangelho do perdão e da não-violência de Jesus. Felizmente, muitos povos ao se converterem espontaneamente já reinterpretam suas tradições: o mesmo dom de palavra ritual passa a ser empregado na oração comunitária, nos cânticos litúrgicos e nos relatos bíblicos dramatizados na aldeia. O papel do agente de pastoral é acompanhar esse processo, iluminando com critérios evangélicos e aproveitando o que houver de *sementes do Verbo*. Um bom critério é o amor e a vida: tudo o que na cultura promove a vida, a harmonia, a solidariedade e o respeito à dignidade pode ser visto como preparações do Evangelho (cf. *Evangelii Gaudium* 256-258); o que promove morte, medo opressivo ou injustiça precisa de conversão. No caso Wapichana, percebe-se que o cerne do *puuri* – a busca de cura, proteção e harmonia – é profundamente convergente com a missão de Cristo (que “veio para que todos tenham vida”, Jo 10,10). Já eventuais distorções (por exemplo, algum uso manipulado da crença para explorar financeiramente alguém, ou para atemorizar) devem ser pastoralmente corrigidas. Essa purificação recíproca, aliás, a Igreja realiza em toda cultura, inclusive na ocidental: assim como discernimos entre religiosidade popular sadia e superstição, com os povos originários faremos o mesmo, porém dentro de seu universo simbólico, não de fora para dentro.

3. Liturgia inculturada e símbolos: A teologia do *puuri* pode inspirar uma maior inculturação da liturgia entre os Wapichana e outros povos amazônicos. O Sínodo para a Amazônia (2019) recomendou criar espaços para ritos indígenas nas celebrações, e o Papa Francisco falou da necessidade de uma “santidade amazônica” com formas próprias de expressão. Concretamente, pode-se pensar em elementos litúrgicos que tenham paralelos na cultura local: o uso da língua Wapichana nas partes da Missa, o canto litúrgico com melodias e ritmos inspirados nos cantos tradicionais (*parixara* e *puuri* dos *marynaunau*/pajés), o gesto de soprar água benta ou ervas aromáticas durante uma bênção (visto que queimar

ervas, usar fumaça e soprar são práticas de purificação espiritual em muitas culturas indígenas). Tais sinais teriam profunda ressonância para os fiéis Wapichana, falando ao seu inconsciente coletivo. Obviamente, tudo feito com critério e aprovação eclesial, para garantir ortodoxia e evitar sincretismos confusos. Mas a própria *Querida Amazônia* aventa “caminhos de inculturação da liturgia” (QA 81-84) e afirma que “a liturgia deve incorporar muitos elementos da experiência indígena” (cf. QA 82). Um hipotético *Ritual Wapichana* poderia, por exemplo, incluir no rito penitencial algum elemento simbólico de “limpeza” inspirado nos costumes locais (lembrando o *puuri* utilizado para neutralizar efeitos nefastos após um luto (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016). Poderia também valorizar a figura do *contador de histórias (tynarynau)*: quem faz a homilia ou comentário à Palavra pode usar um estilo narrativo e sapiente, envolvendo a assembleia em formato de diálogo, como se faz nas noites tradicionais em torno do fogo. Essas adaptações tornam a liturgia viva e próxima, ajudando os indígenas a experimentarem que Cristo não lhes é estrangeiro, mas “Verbo feito carne” também em sua cultura. Como bem formulou São João Paulo II aos povos nativos das Américas: “uma fé que não se torna cultura, é uma fé não plenamente acolhida” (QA 67). Inculturar a liturgia do Verbo significará permitir que os Wapichana proclamem e celebrem a Palavra de Deus com sua própria voz, ritmo e imaginação simbólica.

4. Pastoral da palavra e ministérios locais: A ênfase Wapichana na palavra exige também que a Igreja local aposte numa Pastoral da Palavra robusta, formando ministros leigos indígenas para proclamação, pregação e cura. Os Wapichana, como vimos, respeitam profundamente os anciãos sábios que dominam a arte da “fala persuasiva” (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016). Seria coerente, portanto, promover *círculos bíblicos* nas aldeias em que os próprios anciãos e líderes indígenas exerçam o papel de “animadores da Palavra” – partilhando as histórias bíblicas à maneira de suas narrativas orais, talvez até compondo *puuri* ou cantos novos inspirados no Evangelho. De fato, algumas comunidades indígenas têm criado orações cristãs no estilo de seus cantos sagrados; isso é altamente positivo. A Igreja pode reconhecer oficialmente ministérios laicais inculturados: por exemplo, institui-se catequistas indígenas que sejam também, de certo modo, guardadores da memória oral (fazendo a ponte entre as histórias bíblicas e os mitos locais, salientando pontos de contato e cumprimento em Cristo). *Querida Amazônia* sonha com comunidades indígenas “cheias de vida” onde os leigos anunciem a Palavra, ensinem e organizem a comunidade, e onde se evidencie um *rosto indígena da Igreja*. Integrar o *puuri* nesse contexto talvez signifique que, junto com a Bíblia, valoriza-se a tradição oral local – não para equipará-la em autoridade, mas para usá-la como ponto de partida catequético. Por exemplo, em vez de começar uma pregação apenas lendo um texto bíblico em português, um catequista Wapichana poderia iniciar recontando – em língua indígena – a cosmogonia do *puuri*, e então apresentar Jesus como aquele que realiza plenamente o que ali se almeja. Isso torna a mensagem palpável e encarnada na realidade do ouvinte. Pastoralmente, requer-se uma escuta prévia: é fundamental que os missionários e padres conheçam a língua Wapichana e tenham humildade para aprender dos anciãos os significados culturais. A formação

intercultural dos agentes é urgente, para evitar repetir erros coloniais de imposição. Como enfatiza o Papa Francisco, devemos ser *hóspedes* e *aprendizes* nas culturas indígenas, e não meros professores. Somente assim o Evangelho será anunciado “sem desprezar nada do bem que já existe nas culturas amazônicas” (*Querida Amazonia* 66), levando tudo à plenitude em Cristo.

5. Diálogo inter-religioso e testemunho libertador: Por fim, há implicações que transcendem o contexto Wapichana. Refletir sobre *puuri* e Logos nos desafia a um diálogo inter-religioso autêntico com as espiritualidades indígenas, reconhecendo nelas caminhos pelos quais o *Logos* já se comunica. Esse diálogo não visa sincretismo confuso, mas um encontro de sabedorias que pode enriquecer a humanidade diante da crise socioambiental. Os povos originários, com sua visão espiritual da natureza, podem ajudar a Igreja global a reencontrar aspectos esquecidos do próprio Logos – por exemplo, o “Logos cósmico” de que falava Teilhard de Chardin, a presença de Cristo na criação inteira. Assim, a luta indígena por *Bem Viver* e preservação da *Casa Comum* alinha-se à missão cristã de reconciliação cósmica. Pastoralmente, apoiar a causa indígena – demarcação de terras, direitos culturais, sustentabilidade – torna-se parte do testemunho do Evangelho. *Laudato Si’* reconhece que os povos tradicionais têm um papel insubstituível de cuidadores do equilíbrio ecológico e portadores de outra lógica de relação com a terra (LS 146). Portanto, uma pastoral inculturada também será uma pastoral socioambiental e de promoção humana, em sintonia com a Teologia da Libertação que defende “opção pelos pobres” – aqui incluindo os povos indígenas pobres e marginalizados. O anúncio do Verbo que se fez carne pobre numa periferia (Belém, Nazaré) ganha credibilidade quando a Igreja se faz solidária com os povos da floresta e do cerrado em suas lutas. Isso é parte das “implicações redentoras” da encarnação do Logos: não apenas salvar almas individualmente, mas redimir uma criação gemendo em dores (Rm 8,22) e levantar os humilhados. Nesse sentido, valorizar espiritualmente o *puuri* também é um ato de reparação histórica – afirma que Deus já falava ali antes da chegada dos colonizadores, e continua falando, convidando todos a um futuro de justiça e comunhão.

Conclusão

Elaborar uma teologia intercultural sobre o *puuri* Wapichana e o Logos cristão revelou-se um exercício enriquecedor de encontro entre duas tradições de sabedoria. Constatamos que, no coração da espiritualidade Wapichana, pulsa a crença no poder criador da palavra animada pelo espírito, e que essa crença encontra uma realização insuperável na figura de Jesus Cristo, Verbo de Deus encarnado. Sem forçar equivalências simplistas, pudemos identificar *afinidades estruturais*: a palavra que cria e salva, o sopro/alma presente na fala, a necessidade de reconexão da humanidade com a fonte da Palavra para restaurar a harmonia perdida. Vimos também divergências, especialmente no tocante à compreensão de Deus e da pessoalidade da Palavra, mas nenhuma tão insuperável que inviabilize o diálogo – ao contrário, elas convidam a uma complementarida-

de. O Logos ilumina o *puuri*, dando um nome pessoal (Cristo) e uma finalidade última (amor salvífico) à potência nele intuída. O *puuri*, por sua vez, oferece ao Logos novas cores e sotaques, ajudando-nos a ver a Encarnação inserida em uma perspectiva cósmica e comunitária mais ampla, onde toda a criação aspira pela *palavra que cura*.

Teologicamente, este estudo reforça a importância de valorizarmos as teologias indígenas como parte da catolicidade (universalidade) da fé. A tradição cristã sempre se enriqueceu ao dialogar com culturas diversas – fez assim com os conceitos da filosofia grega, com os ritos romanos, com as línguas germânicas, eslavas, etc. Hoje, a *nova fronteira* está nas sabedorias dos povos originários, muitas vezes marginalizadas. Dar-lhes voz no discurso teológico – seja citando autores indígenas, seja ouvindo seus mitos e práticas – é dar concretude ao apelo do Papa Francisco de “deixar-se enriquecer e interpelar” pelo caminho sinodal amazônico. É também realizar a visão do Documento de Aparecida (2007) de uma Igreja que não apenas evangeliza, mas se *deixa evangelizar pelos pobres*. Quando *Querida Amazônia* afirma que “somos chamados a acolher a misteriosa sabedoria que Deus quer nos comunicar através deles [dos povos indígenas]”, legítima empreendimentos como este artigo, em que tentamos humildemente aprender de *puuri* algo sobre o Logos de Deus.

Em termos pastorais, os frutos dessa reflexão apontam para uma Igreja mais encarnada na cultura Wapichana: uma catequese que fale *pax* (a língua e lógica local), uma liturgia que tenha sabor de *beiju* e som de *maracá*, uma comunidade cristã onde o ancião contador de histórias é respeitado como *teólogo do povo*. Implicam também um compromisso de defesa da vida e da dignidade Wapichana – pois não há verdadeira inculturação sem justiça. *Puuri* e Logos se encontram, finalmente, no terreno do Mistério: ambos remetem àquela Palavra primeira que deu origem ao universo e que, acreditamos, se fez carne para redimir este mesmo universo. No rosto de Cristo *pantocrator* (sustentador do cosmos) podemos vislumbrar algo do *rezador cósmico* que os Wapichana imaginam ter moldado as montanhas com seu verbo. E no humilde rezador Wapichana que sopra sua bênção sobre um enfermo, podemos vislumbrar traços do Cristo Servidor que soprou o Espírito sobre os apóstolos.

Que esse diálogo teológico não termine aqui, mas siga em desenvolvimento – de preferência com protagonismo dos próprios teólogos e líderes indígenas Wapichana, cujas vozes devem guiar o processo. Como “restos dos antigos” (na bela expressão Wapichana, *kutyainhau*) e simultaneamente cidadãos contemporâneos, eles têm a capacidade de *trançar palavras e coisas*, integrando numa mesma tessitura o Evangelho de Jesus e as maravilhas de sua cultura. Assim, confiantes na ação do Espírito da Verdade que conduz a Igreja a toda a verdade (Jo 16,13), encerremos com as inspiradoras palavras de *Querida Amazônia*: “Enquanto lutamos por eles e com eles, somos chamados a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus quer nos comunicar através deles”. Somente nessa atitude de escuta humilde do outro é que o Verbo – sempre maior do que nossos esquemas – continuará a nos

surpreender e a se encarnar de novo em cada cultura, para a glória de Deus e a vida plena dos povos.

Referências

- Boff, L. (2020). "Querida Amazônia": uma inculturação truncada. IHU On-line. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br>
- Concílio Vaticano II. (1965). *Constituição pastoral Gaudium et Spes*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- Concílio Vaticano II. (1965). *Constituição dogmática Lumen Gentium*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- Concílio Vaticano II. (1965). *Decreto Ad Gentes*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- Concílio Vaticano II. (1965). *Declaração Nostra Aetate*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- Concílio Vaticano II. (1963). *Constituição sobre a Sagrada Liturgia Sacrosanctum Concilium*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). (2007). *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus/Paulinas.
- Cullmann, O. (1963). *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Novo Século.
- Francisco. (2015). *Laudato Si': Sobre o cuidado da Casa Comum*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- Francisco. (2020). *Querida Amazônia – Exortação Apostólica Pós-Sinodal*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- Gualinga, P. (2020). *Laudato Si' ratifica séculos de sabedoria indígena em defesa da natureza*. IHU On-line. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br>
- Instituto Socioambiental. (2016). *Wapichana – Povos Indígenas no Brasil*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org>
- Justino Mártir. (2003). *Apologias*. São Paulo: Paulus. (Original do séc. II).
- João Paulo II. (1987). *Discurso aos povos indígenas de Oaxaca, México*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- Teilhard de Chardin, P. (1965). *O meio divino*. São Paulo: Paulus.
- Souza, A. B. (2023). O conceito de Logos na teologia joanina. *Revista de Cultura Teológica – Revista FT*, Qualis B2. Disponível em: <https://revistaft.com.br>

Artigo submetido em: 29/09/2025. Aprovado em: 26/10/2025.

E-mail do Autor: josecastillo@jesuitas.es

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1987-4332>